

O ESPAÇO NAS MEDITAÇÕES CARTESIANAS

Lucas Jordano de Melo Barbosa

Resumo: O presente artigo pretende trilhar discussão sobre a arquitetura tomando como referência o pensamento de Descartes. A partir da problemática do conceito de Espaço, a filosofia cartesiana apontará, entretanto, para outras discussões, talvez até mais pertinentes, e revelará a fecundidade do não dito. A base bibliográfica é constituída, sobretudo, pelas *Meditações*, publicadas originalmente em 1641, mas também o anterior *Regras para a Orientação do Espírito* (1628), assim como o derradeiro livro oficialmente publicado em vida pelo filósofo, traduzido em português como *As Paixões da Alma* (1649). Será necessário entender minimamente as características e limitações do que Descartes conceitua como *res extensa* e *res cogitans*, a fim de posteriormente entender a afinidade entre elas com vista a um possível reflexo na relação da arquitetura com o homem que a cria.

Palavras-chave: Espaço, Corpo, Arquitetura, Descartes.

ABSTRACT: *This article aims to tread the architecture discussion with reference to the thought of Descartes. From the problem of conceptualizing the Space, Cartesian philosophy point, however, for another discussion, perhaps even more relevant, and reveal the fecundity of the unsaid. The bibliographic database consists, mainly, by the Meditations, published originally in 1641, but also the previous Rules for the Guidance of the Spirit (1628), as well as the last book published officially in life by the philosopher, translated into Portuguese as The Passions of the Soul (1649). It will need to understand minimally the characteristics and limitations of what is conceived as Descartes res extensa and res cogitans, in order to later understand the affinity between them with the intention to check a possible effect on the relationship of architecture with the man who creates it.*

Keywords: *Space, Body, Architecture, Descartes.*

1

POSICIONAR, REPOSICIONAR

Espaço: essa palavra arredia que não se submete a uma simples definição, mas que todos utilizam tão despreocupadamente. Os arquitetos do século XX decidiram colocá-la em pauta, como quem inventa uma religião: de fato, o deus Espaço, como todo deus, se mostra indefinido, incompreendido por aqueles que o adoram. Mas, mesmo assim, seus súditos o tomam como causa e consequência de tudo o que lhes é percebido em consciência. Bruno Zevi proclamou que o Espaço, ou melhor, um derivado seu, o Espaço Interno, é o que dá sentido à arquitetura. Evaldo Coutinho (que não era arquiteto, mas filósofo), por sua vez, escreve um livro cujo título dá a entender a via mítica da recepção do tema: “O Espaço da Arquitetura”, como se a expressão fosse simultaneamente pergunta e resposta – Qual o espaço

REVISTA DE ESTÉTICA E SEMIÓTICA, BRASÍLIA, V. 1, N. 2 P. 26-38, JUL./DEZ. 2011

da Arquitetura? O Espaço! – Em verdade, a colocação do Espaço como protagonista da arquitetura não tinha como pressuposto a sua definição, daí ser lícito comparar tal atitude com o comportamento de quem crê: a crença só é crença justamente porque aquilo em que se acredita não é de fato conhecido. A discussão, porém, em fins do século XX, já havia se retraído novamente, diante da intuição de que nunca foi necessário entender o conceito de espaço para se produzir arquitetura.

De fato, a função da teoria nunca foi a aplicação direta à prática. A conexão entre reflexão e vida reside no fato de o pensar transformar a consciência que temos do mundo. Somente pela construção e reconstrução da consciência é que a teoria pode agir na realidade objetiva. Portanto, a teoria muda o mundo justamente enquanto permanece teoria. Daí que não é possível negar de imediato que mudar a visão de mundo acerca do que possa ser entendido como Espaço possa ter alguma consequência na prática da arquitetura.

Em vista da dificuldade da teoria da arquitetura no que concerne a uma definição de Espaço, torna-se produtivo verificar o que os grandes pensadores de fato pensaram sobre essa temática. De base hoje de algum conhecimento sobre as leis da hereditariedade genética, da consciência das possibilidades de combinações de características de indivíduos muito distintos com vistas aos seus herdeiros consanguíneos, e ainda de saber que as modificações nas espécies (mutações), mesmo que imperceptíveis em um primeiro momento, estão sempre a ocorrer, é possível encarar o que convencionalmente chamamos de “gênio” de um ponto de vista mais pragmático do que há alguns séculos. Ousemos chamar de gênio um indivíduo que por um acidente genético possui um cérebro com massa e número de conexões nervosas semelhantes aos da mesma espécie, mas que funciona melhor que os outros, mostrando-se mais capaz em determinadas áreas (caso a caso). Estudar os gênios não nos torna, por isso, também gênios, visto que são eles surgidos acidentalmente. Um gênio mal educado, mal informado e mal formado, não conseguirá explorar suas aptidões e passará despercebido por todos. Por outro lado, um indivíduo comum com a melhor das formações não será nunca genial, embora possa ser muito criativo e extremamente eficiente no que se propõe a fazer. E essa possibilidade aumenta na medida em que toma como referência as experiências daqueles sujeitos. Por isso, não é sem razão que se conclui que o estudo do pensamento dos grandes filósofos tem total pertinência nos casos em que nos sintamos perdidos.

Dentre todos os grandes filósofos, Descartes foi um dos que menos abertura proporcionou a si próprio na diversidade de suas reflexões. Isto porque a ele interessava sobremaneira trilhar uma pesquisa sobre a própria existência a partir de um radicalismo dedutivo que, embora tenha chegado a encontrar alguma dialética ao final do percurso, REVISTA DE ESTÉTICA E SEMIÓTICA, BRASÍLIA, V. 1, N. 2 P. 26-38, JUL./DEZ. 2011

iniciava pela conquista de uma certeza por vez. Disto resultaram conclusões que terminaram por restringir inevitavelmente as temáticas abordadas. Dentre as discussões que ele não empreendeu, encontram-se questões como as da arte e da arquitetura.

Descartes partira de uma incerteza total sobre tudo, buscando uma primeira “verdade” a qual apegar-se e que o impulsionasse a dar o salto a uma segunda. De tanto duvidar, chegou à conclusão de que sua hesitação sobre tudo, enquanto de fato ocorria, era prova de sua existência enquanto entidade questionadora. Aí ainda não havia, porém, sinal algum de matéria. A matéria não poderia encontrar vez nesse primeiro momento de solidificação do mundo que ele estava construindo. Nem mesmo sua existência estava assegurada *a priori*. A única prova de si era a ocorrência da dúvida. Sem ela, nem mesmo o “eu” poderia se concretizar como algo certo. Da ação de questionar o início de tudo: “no princípio era o verbo”.

Como a dúvida não levava diretamente à certeza da matéria, o ente que duvida, a *res cogitans*, era conseqüentemente não corpóreo e, sendo pura imanência, indivisível. Por negatividade, Descartes propõe então a hipótese de haver algo que se define como tudo o que não é essa coisa que duvida: algo que ocupa, portanto *dimensional*, embora não consiga precisar nada antes da ação de ocupar. Daí a caracterização da *res extensa* como algo definido por altura, largura e profundidade. E sem mais elementos com os quais questionar essa extensão, Descartes se vê, por exemplo, diante de situações de transformação de estados físicos da matéria: água líquida que se congela ou se vaporiza, sem por isso deixar de ser água, ou seu célebre exemplo da cera apícola, que aquecida liquefaz-se, e resfriada solidifica-se em uma forma diferente da anterior. Ora, se a matéria muda de forma sem deixar de ser a mesma matéria, crê o filósofo não poder definir os corpos como formas espaciais distintas umas das outras. E, sem isso, talvez nem mesmo houvesse distinção entre matérias, mas apenas uma única matéria divisível e diferenciável, uma única extensão que seria substância de todos os corpos que recebemos em consciência.

Ainda de suas observações empíricas, percebe Descartes que um corpo, uma diferenciação formal de uma mesma substância *homogênea*, impede que um outro corpo, outra diferenciação formal da mesma substância extensiva, ocupe a mesma posição que o primeiro. Isso coincide com o que anos depois Isaac Newton enunciou como a lei da *impenetrabilidade* dos corpos rígidos. Por fim, Descartes ainda conclui que, sendo a extensão formada por uma substância que se diferencia formalmente, ela teria que ser ao mesmo tempo *divisível e aversa à possibilidade do vazio*. O vazio contrariaria seu raciocínio, pois se existisse, a extensão não seria homogênea, e ele teria de considerar tipos distintos de

REVISTA DE ESTÉTICA E SEMIÓTICA, BRASÍLIA, V. 1, N. 2 P. 26-38, JUL./DEZ. 2011

substâncias corpóreas. O ar, os vapores e os gases provariam que existe matéria que ocupa o que o sentido da visão leva a crer que não está ocupado. Este é, sem dúvida, outra certeza a que chega o filósofo: os sentidos podem enganar.

Sobre os sentidos, o exemplo da cera é bastante elucidativo do raciocínio de Descartes:

Tomemos, por exemplo, este pedaço de cera que acaba de ser tirado da colmeia: ele ainda não perdeu a doçura do mel que continha, ainda retém algo do odor das flores de que foi recolhido; sua cor, sua figura e sua grandeza são evidentes: ele é duro e frio quando o tocamos e, se nele batermos, produzirá algum som. Enfim, todas as coisas que podem distintamente fazer conhecer um corpo, encontram-se neste.

Mas eis que, enquanto falo, é aproximado do fogo: o que nele restava de sabor, exala-se, o odor se desvanece, sua cor se modifica, sua figura se perde, sua grandeza aumenta, ele se torna líquido, esquenta-se, mal podemos tocá-lo, e, ainda que batamos nele, não produzirá som algum. A mesma cera permanece após essa modificação? Cumpre confessar que permanece: e ninguém o pode negar. O que é, pois, que se conhecia deste pedaço de cera com tanta distinção? Certamente não pode ser nada do que observei nela por intermédio dos sentidos, uma vez que todas as coisas que se apresentavam ao paladar, ou ao olfato, ou à visão, ou ao tato, ou à audição se encontram modificadas e, no entanto, a mesma cera permanece. (DESCARTES. *Meditações*. 1991, p. 178)

Ora, se seu método de raciocínio encontra como primeira premissa o sujeito não corpóreo que duvida, então todo o resto será mais incerto, e o corpo, com seus sentidos como atributos, só poderá ser menos certo que o *cogito*. E o *cogito*, em seu entendimento, identificando que a matéria ao mudar de estado físico permanece a mesma, mostra-se capaz de uma percepção mais correta do mundo do que aquela originada nos sentidos. Daí que, para Descartes, os sentidos enganam e não são confiáveis ao exercício da reflexão.

Disto o que pode ser dito da experiência do espaço do corpo humano e do corpo arquitetônico, sem trair a filosofia cartesiana? Em retrospectiva, todo corpo é extensão, e esta é dimensional, homogênea enquanto substância, divisível, aversa à possibilidade do vazio, e não permite que corpos diversos ocupem uma mesma posição. Além disto, deve-se admitir que todos os sentidos enganam e devem portanto, ao menos em um primeiro momento, ser desconsiderados. O que é possível concluir é que o corpo humano ocupa uma posição que é indubitavelmente distinta daquela ocupada pelo corpo arquitetônico e que, além disso, não pode o corpo humano, ao reposicionar-se, atravessar o local em que se encontra o edifício solidificado. Isto não implica, bem entendido, que ambos os corpos não pudessem modificar seus estados físicos e então reposicionarem-se. Tratar, porém, de reposicionamento, requer falar da relação espaço-tempo, onde o tempo até então não foi mencionado.

Analisando o tempo em separado do espaço, Descartes não torna ainda a questão fecunda: “[...] todo o tempo de minha vida pode ser dividido em uma infinidade de partes, cada uma das quais não depende de maneira alguma das outras; e assim do fato de ter sido um pouco antes não se segue que eu deva ser atualmente” (1991, p. 192). Essa noção de tempo não linear possibilita o conceito de mudança de posições não contíguas, ou seja, uma mudança que não é uma sucessão, pois, segundo ele, um momento pode mesmo não ligar-se a outro. Como pensar o tempo em separado do espaço? O tempo como devir, mas não *um* devir, e sim o próprio devir, a própria mudança, isto é, não a transformação de algo em outra coisa, ou sucessão de posições, mas a possibilidade de algo estar e depois desvanecer inexplicavelmente, mantendo ainda a possibilidade de voltar a estar. Uma noção de tempo não instrumental.

Ao fim de sua *Sexta Meditação*, porém, Descartes concebe a possibilidade de interação entre a *res cogitans* e a *res extensa*. A partir dessa relação, como será visto, ele aceita a realidade do corpo (mais que possibilidade) e, posteriormente, a realidade da sucessão temporal. Vale ressaltar que a possibilidade de sucessão já existia quando ele reconhece a existência do tempo, entretanto Descartes não a considera de modo algum necessária. Isso se modifica a partir do momento em que ele insere um novo elemento em seu raciocínio, além da ação de duvidar e da extensão: Deus. Reflete: como um sujeito que duvida e é portanto imperfeito, pois se fosse perfeito não duvidaria, pode ter o entendimento de Deus como algo infinito? Como pode o menor conter a ideia do maior, o finito poder conceber o infinito? Para Descartes o infinito, como inconcebível pelo finito, só pode estar dentro deste se tiver existido antes e ter sido implantado enquanto ideia por uma entidade que, de fato, seja infinita e perfeita. Daí que para ele esta é a prova irrefutável da existência divina. E se Deus é posto como um ser perfeito, sua lógica o impele a acreditar que não seria esse ser um embusteiro. Logo, se Deus permite que percebamos nossos próprios corpos, além de outros que nos rodeiam, conclui-se que esses corpos de fato devem existir. Disto surge o imperativo de ter que encarar corpo e espírito como realidades que interagem:

A natureza me ensina, também, por esses sentimentos de dor, fome, sede, etc., que não somente estou alojado em meu corpo, como um piloto em seu navio, mas que, além disso, lhe estou conjugado muito estreitamente e de tal modo confundido e misturado, que componho com ele um único todo. Pois, se assim não fosse, quando meu corpo é ferido não sentiria por isso dor alguma, eu que não sou senão uma coisa pensante, e apenas perceberia esse ferimento pelo entendimento, como o piloto percebe pela vista se algo se rompe em seu navio; e quando meu corpo tem necessidade de beber ou de comer, simplesmente perceberia isto mesmo, sem disso ser advertido por

sentimentos confusos de fome e de sede. Pois, com efeito, todos esses sentimentos de fome, de sede, de dor, etc., nada são exceto maneiras confusas de pensar que provêm e dependem da união como que da mistura entre espírito e o corpo.

[...] E, também, do fato de que, entre essas diversas percepções dos sentidos, umas me são agradáveis e outras desagradáveis, posso tirar uma consequência completamente certa, isto é, que meu corpo (ou, antes, eu mesmo por inteiro, na medida em que sou composto do corpo e da alma) pode receber diversas comodidades ou incomodidades dos outros corpos que o circundam. (DESCARTES. *Meditações*. 1991, p. 218)

Nota-se que, embora Descartes tenha proposto, ao final de suas *Meditações*, que um sujeito seria não apenas algo que duvida, mas uma realidade composta de uma relação entre esse ser hesitante e um corpo específico, ele não se vê autorizado a rejeitar a possibilidade de essa relação poder deixar de existir. Corpo e alma seriam como dimensões que, apesar de atuarem conjuntamente, não se fundiriam em uma unidade.

A partir desse novo pressuposto, de ser uma dupla existência, a saber, corpo e alma, Descartes revê a experiência do sonho e, a partir dela, também seu conceito de tempo e de realidade:

E devo rejeitar todas as dúvidas desses dias passados como hiperbólicas e ridículas, particularmente esta incerteza tão geral no que diz respeito ao sono que eu não podia distinguir da vigília: pois agora encontro uma diferença muito notável no fato de que nossa memória não pode jamais ligar e juntar nossos sonhos uns com os outros e com toda a sequência de nossa vida, assim como costuma juntar as coisas que nos acontecem quando despertos. E, com efeito, se alguém, quando eu estou acordado, me aparecesse de súbito e desaparecesse da mesma maneira, como fazem as imagens que vejo ao dormir, de modo que eu não pudesse notar nem de onde viesse, nem para onde fosse, não seria sem razão que eu consideraria mais um espectro ou um fantasma formado em meu cérebro e semelhante àqueles que aí se formam quando durmo do que um verdadeiro homem. Mas quando percebo coisas das quais conheço distintamente o lugar de onde vêm e aquele onde estão, e o tempo no qual elas me aparecem e quando, sem nenhuma interrupção, posso ligar o sentimento que delas tenho com a sequência do resto de minha vida, estou inteiramente certo de que as percebo em vigília e de modo algum em sonho. E não devo de maneira alguma duvidar da verdade dessas coisas se, depois de haver convocado todos os meus sentidos, minha memória e meu entendimento para examiná-las, nada me for apresentado por algum deles que esteja em oposição com o que me for apresentado pelos outros. Pois, do fato de que Deus não é enganador segue-se necessariamente que nisso não sou enganado. (DESCARTES. *Meditações*. 1991, p. 224)

A distinção que finalmente faz Descartes entre o estado de sono e o de vigília o leva a uma ideia de sucessão como algo inerente à realidade, mas que não é necessário ao sonho. Sendo assim, modifica sua inicial concepção de tempo não linear para o tempo

necessariamente linear, se pensado na vida real do corpo e da alma. Faz-se agora necessário que o momento em que um evento ocorre tenha um passado e uma possibilidade de futuro, no que Descartes pronuncia como possibilidade de “ligar o sentimento que delas tenho com a sequência do resto de minha vida”. E, a partir disso, habilita-se pensar a existência do tempo e a necessidade de sua linearidade.

Retomando o pressuposto do espaço como ocupação e sua característica de impenetrabilidade, e podendo agora acrescentar também a noção de tempo linear, faz-se possível pensar no corpo humano em relação ao corpo arquitetônico de modo mais fecundo que anteriormente, sem, no entanto, abandonar o pensamento cartesiano. Se inicialmente as características do espaço permitiam pensar em posicionar-se e reposicionar-se sem, contudo, deixar de ter em mente que os corpos são impenetráveis, pois não podem ocupar uma mesma posição, agora se torna possível pensar que esse reposicionamento pode ocorrer de modo sucessivo, ou seja, apreendendo o conceito de movimento dos corpos simultaneamente ao conceito de corpo como limite de movimento (de reposicionamento) de outros corpos.

2

MUI DUVIDOSO E INCERTO

Em suas *Meditações* Descartes não refletiu sobre a relação tempo-espaço a partir dos corpos em movimento. Isso não significa que sua filosofia não esteja aberta a esse tipo de interpretação. Muito ao contrário, talvez seja justamente por seu pensamento apresentar-se muito elementar, e talvez lacunoso, é que guarda a potência para ser interpretado. O que por sua vez também não significa que acertemos em nossas interpretações.

Se a pretensão era a de buscar em um gênio a resposta sobre o conceito de espaço, decorreu o fracasso. Descartes concebe a espacialidade apenas por negatividade àquilo que pensa, e nada mais. Não há em Descartes uma distinção entre espaço e extensão. O que nos leva, através do filósofo, a voltar ao campo da especulação arquitetônica, que trata de características e efeitos do Espaço sem, contudo, conseguir definir o termo de modo claro e distinto.

De Descartes, retira-se alguma possibilidade de interpretar o relacionamento do corpo que é arquitetônico com o corpo que é humano. Ora, na característica corpórea de possuir uma posição, não é difícil extrair a noção de resistência que outro corpo enfrentará para ocupar esta posição já ocupada. E admitindo referência de um corpo em relação ao outro, mesmo que

REVISTA DE ESTÉTICA E SEMIÓTICA, BRASÍLIA, V. 1, N. 2 P. 26-38, JUL./DEZ. 2011

todos não passem da mesma extensão, é possível pensar no corpo arquitetônico como parado (sem mudança de posição) em relação ao corpo que é a Terra, a terra. A própria terra, e a Terra, é um corpo que se posiciona, que ocupa, e que, ao ocupar, impede que o corpo arquitetônico se repositicione para aquela posição. Sob essa certeza de resistência, de luta por posições, o corpo humano vence a batalha com o ar que o circunda, reposicionando-se na extensão, até que encontre um corpo mais forte que lhe faça resistência. O corpo arquitetônico é parcialmente dessa natureza. Entretanto, o edifício se “corporifica” de tal modo que necessita, para ser edifício, e não outra forma corpórea, que outros corpos lhe separem as partes, como, por exemplo, o ar. Esse mesmo ar que pode o homem vencer e tomar sua posição. O corpo do homem tem sempre a possibilidade de tomar a posição do ar que separa as partes do corpo edificado. Não pode, entretanto o homem tomar a posição do edifício, vencer-lhe a resistência. E esta é, portanto, uma das características da natureza do arquitetar: construir corpos resistentes ao reposicionamento do corpo humano. Isto até que a extensão que é o corpo arquitetônico se modifique ao acaso, do modo como um pedaço de cera cede ao calor e muda de forma, fato que mudaria seu grau de resistência ao corpo do homem. As *Meditações* não concedem elementos para entender tais coisas que submetem a forma, como a temperatura, por exemplo. De modo, que há de se assumir que as especulações realizadas aqui sobre os corpos são de fato lacunosas, pois não encontram todos os apoios de que necessitam.

De continuidade com o raciocínio que seguia, pode-se pensar que se um corpo pode resistir a reposicionar-se e, além disso, pode não resistir a algo que o transforme e o faça perder sua forma, podemos encarar também o ofício da arquitetura desse ponto de vista do posicionamento de um corpo que oferece resistência a outros corpos que, por sua vez, poderiam tirar do corpo do homem sua forma característica, ou seja, sua totalidade. Lembramos agora que uma das características da extensão é que ela se apresenta como divisível, visto que é homogênea. A extensão que é o corpo do homem é, por conseguinte, divisível. Cabe então ao corpo edificado resistir ao reposicionamento de todos os outros corpos e formações de extensão que façam do todo do corpo humano partes reposicionadas na extensão. A arquitetura resiste ao homem e resiste pelo homem.

Por outro lado, se a arquitetura tem algo pelo que existir, e se quisermos estabelecer seu relacionamento com o homem, suas razões não hão de encontrar-se apenas no corpo humano, mas também no *cogito* com o qual está misturado.

COGITO, LOGO VALORIZO

[...] os objetos, tanto do amor como do ódio, podem ser representados à alma pelos sentidos exteriores, ou então pelos interiores e por sua própria razão; pois denominamos comumente bem ou mal aquilo que nossos sentidos interiores ou nossa razão nos levam a julgar conveniente ou contrário à nossa natureza; mas denominamos belo ou feio aquilo que nos é assim representado por nossos sentidos exteriores, principalmente pelo da visão, o qual por si só é mais considerado que todos os outros; daí nascem duas espécies de amor, a saber, o que se tem pelas coisas boas e o que se tem pelas belas, ao qual se pode dar o nome de agrado a fim de não o confundir com o outro, nem tampouco com o desejo, a que muitas vezes se atribui o nome de amor; e daí nascem, da mesma forma, duas espécies de ódio, uma das quais se relaciona com as coisas más e a outra com as feias; e esta última pode ser chamada horror ou aversão, para distingui-la da outra. Mas o que há nisto de mais notável é que essas paixões de agrado e horror costumam ser mais violentas que as outras espécies de amor ou de ódio, visto que o que chega à alma pelos sentidos toca mais fortemente do que aquilo que lhe é representado pela razão, e que, no entanto, elas contêm comumente menos verdade; de sorte que, de todas as paixões, são as que mais enganam e das quais é preciso mais cuidadosamente se guardar. (DESCARTES. *As Paixões da Alma*. 1991, p. 109 – 110)

Observa-se que não há abertura em Descartes para tratar do tema da beleza. O que pode ser abstraído de suas afirmações é que, para ele, o belo nasce tão somente nos sentidos, ou seja, no corpo, na extensão que é o corpo humano. Isto resulta de uma hierarquia construída em suas *Meditações*, onde o entendimento derivado do *cogito* é mais confiável que aquele advindo dos sentidos. Aquilo que engana, está mais distante do que é perfeito, isto é, segundo ele, de Deus. Embora o espírito não seja perfeito, ele está menos distante disso que os sentidos e, por isso, é melhor que eles.

Se o espírito não pode sentir os corpos senão através dos sentidos, por outro lado, pode ele exercitar a dúvida, que parece ser o fado de todo homem. Descartes termina sua *Meditação Sexta* afirmando que “é preciso reconhecer a imperfeição e a fraqueza de nossa natureza” (p. 224), de modo que se é impossível um meio infalível de não falhar. Ao menos a dúvida nos permite reconhecer isso, o que não é pouco. O espírito hesitante é a única coisa que temos e que somos, a poder elevar-nos, tornando-nos menos errantes, conquanto não possamos deixar de sê-lo. Não é sem razão que Descartes termina por valorizar sobremaneira a Aritmética e a Geometria, julgando de maior grado exercitar e ter prazer com aquilo que menos facilmente nos enganará.

De sorte, a arquitetura, tendo uma dimensão geométrica, tem por consequência a capacidade de estimular o espírito. O que, no entanto, não autorizar a analisá-la com diferença às outras atividades que também são construídas por regras numéricas:

[...] nossa proposição nos ensina que não devemos de imediato ocupar-nos com o que há de mais difícil e árduo, mas temos de examinar anteriormente todas as artes menos importantes e mais simples, principalmente aquelas em que reina mais a ordem: por exemplo, as dos artesãos que tecem tecidos trabalhados e tapeçarias, as das mulheres que bordam com agulha ou entremeiam os fios de um tecido com matrizes infinitamente variados; assim como todos os jogos numéricos e tudo que se relaciona com a Aritmética, e os exercícios semelhantes. É maravilhoso constatar o quanto todas essas coisas cultivam o espírito, desde que não copiemos a descoberta alheia, mas a tiremos de nós mesmos. Com efeito, como nelas não há nada que fique oculto e como correspondem inteiramente à capacidade do conhecimento humano, elas nos apresentam mui distintamente inumeráveis ordens, todas diferentes umas das outras, contudo sujeitas a regras, e cuja observação exata constitui toda a sagacidade humana. (DESCARTES. *Regras para a Orientação do Espírito*. 2007, p. 62)

Disto Descartes parece autorizar a interpretar que quanto mais facilmente identificarmos padrões geométricos no corpo arquitetônico, mais estimulante ele será para o espírito, mesmo que, para estimulá-lo, não se possa prescindir do sentido da visão. E certamente por isso Descartes parecia tê-lo mais em conta do que aos outros sentidos, advogando que o sentido da visão “por si só é mais considerado que todos os outros”.

René Descartes por vezes parece mais dialético que o cartesianismo gerado por seu nome. Seu rigor dedutivo termina por encontrar polos que interagem de modo não linear, mesmo que entenda isto como uma demonstração da imperfeição humana. Não encontrar respostas definitivas faz parte do modo dialético de ser e pensar. Se em um primeiro momento, ele definira o “eu” como “aquilo que duvida”, isento de matéria, posteriormente, seguindo o mesmo raciocínio que o levava a desconsiderar o corpo, surge, paradoxalmente, o corpo necessário ao entendimento da realidade. Se o tempo começara entendido sem linearidade, posteriormente vai buscar na memória aquilo que determina as sucessões. O homem, imaginando-se puro *cogito*, descobre, porém, que está preso a um corpo, por mais que esse corpo não seja substancialmente diferente dos outros que conjugam a extensão. E diante dessas imprecisões cabe ao espírito continuar a duvidar, fazendo dessa ação o fundamento de sua vontade de existir e de se distanciar do imperfeito.

Pensar a arquitetura em meio a isto requer não furtar-se ao incerto, e alimentar a polaridade que define o homem como corpo e alma no seio daquilo que esse mutualismo produz. A incapacidade de definir o Espaço não resulta de fato infrutífera, visto que dessa mesma incapacidade brota a consciência da inevitabilidade do corpo e da natureza lúdica do espírito, os quais o arquiteto não pode expatriar de seu ofício. O que Descartes esqueceu-se de dizer é que o corpo convém ao espírito, já que os sentidos enganam e a Mente mente que não gosta de enigmas a todo tempo. Mesmo porque, se as charadas quebrarem a cabeça, o espírito

REVISTA DE ESTÉTICA E SEMIÓTICA, BRASÍLIA, V. 1, N. 2 P. 26-38, JUL./DEZ. 2011

espiritoso poderá rir de camarote. Como todo corpo, não cabe ao corpo arquitetônico duvidar de sua posição na imperfeita vontade do espírito.

REFERÊNCIAS

CARPINTERO, Antônio Carlos. *Sobre o Conceito de Espaço*. Trabalho programado apresentado ao Programa de Pós-Graduação da USP-FAU (mimeo). 1986.

COTTINGHAN, John. *Dicionário Descartes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

COUTINHO, Evaldo. *O Espaço da Arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DESCARTES, René. *Meditações*. In: *Os Pensadores – Descartes*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

_____. *As Paixões da Alma*. In: *Os Pensadores – Descartes*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

_____. *Regras para a Orientação do Espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZEVI, Bruno. *Saber Ver a Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.